

“O mais importante é que são jovens incríveis”: *análise autobiográfica de trajetórias de estudantes de licenciatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

MANDELERT, Diana & TABAC, Sara Zarucki.
Pesquisadores das próprias vidas. Curitiba: Appris, 2023.

Diana Mandelert é professora adjunta na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e possui experiência em pesquisas no campo da Sociologia da Educação, com ênfase nas áreas de avaliação, ensino médio, capital cultural, reprovação e estudos sobre família e escola; Sara Tabac é professora adjunta no Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL/MG, que desenvolve trabalhos nas áreas de desigualdades sociais e educacionais, ensino de sociologia, formação de professores/as de sociologia e estágio docente. O livro é resultado de uma parceria frutífera em pesquisas no campo da Sociologia da Educação e uma contribuição valiosa para estudantes, pesquisadores/as, professores/as e profissionais que trabalham com assuntos estudantis, apoio pedagógico e permanência.

As autoras analisam o papel da Sociologia da Educação na formação de professores/as, garantindo o protagonismo da narrativa a estudantes de licenciatura e destacando a importância da disciplina nos currículos dos cursos de Educação, cujas discussões são essenciais, pois o trabalho docente não se resume à transmissão bancária de conteúdos (FREIRE, 1987), mas é um elemento central na formação de profissionais qualificados/as para compreender as dinâmicas sociais que condicionam as desigualdades e preparar estudantes para atuar em uma sociedade que precisa combater seus problemas sociais.

O trabalho reúne 26 textos escritos por discentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ que tiveram liberdade para relatar e analisar suas próprias experiências, da educação básica até a superior, a partir das contribuições teóricas da praxeologia do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002). As influências de Charles Wright-Mills (1916-1962) e Bernard Lahire (1963-) também foram significativas para o resultado final. A produção de um olhar sobre si explica o título da obra e coloca os/as estudantes como autores/as, não como meros “objetos de pesquisa” (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 22). Oriundos/as de cursos distintos e sem experiência em análise sociológica, conseguiram desenvolver análises teóricas aprofundadas sobre suas trajetórias, contribuindo para o avanço dos conhecimentos no campo das pesquisas sobre educação e desigualdades.

Aos/Às agentes foi proposto o desafio de imaginar (WRIGHT-MILLS, 1970) quais possibilidades estavam efetivamente disponíveis ao longo de suas vidas e como suas inserções em um determinado contexto histórico e social condicionaram suas escolhas e os caminhos que trilharam. Teria sido diferente se tivessem nascido em outra família, em outro local ou em outro contexto socioeconômico? Existem diferenças entre as pessoas, como as de gênero, religião, classe social, cor da pele, entre outras: como essas diferenças, adscritas ou não, influenciam na estratificação social (TUMIN, 1970)? Quando as diferenças se transformam em desigualdades? São questões sociológicas importantes que nós e nossos/as estudantes precisamos enfrentar, sempre desafiados/as a pensar sobre a tradicional dicotomia sociológica entre *agência* e *estrutura*. Como indicado por Charles Wright-Mills (1970), só podemos compreender nossas experiências de forma relacional, ou seja, em relação ao conjunto das experiências de nossos/as iguais. A sociologia não nega o *indivíduo* como categoria de análise social, mas suas experiências não podem ser compreendidas sem levar em conta “as injunções e possibilidades que indivíduos com uma inserção social semelhante à nossa possuem” (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 14-15).

O livro permite refletir sobre como os/as alunos/as se avaliam e quais análises conseguiram desenvolver com o suporte dos textos teóricos ministrados em sala de aula. Como transformar algo íntimo em uma análise sociológica? “Falar de si não é simples; perceber-se de forma objetiva, menos ainda” (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 20). Além das habilidades cognitivas, que fatores contribuíram para que eles/elas ingressassem na educação superior em uma instituição de prestígio como a UERJ?

Cada relato abre a porta para um mundo distinto de experiências e nos traz à memória algumas de nossas próprias experiências ao longo da trajetória educacional: relações desafiadoras com colegas de escola e de universidade, com professores/as do ensino fundamental e médio e, depois, na graduação; desafios para aprender os conteúdos curriculares, pagar as despesas (principalmente quando o apoio familiar é limitado), preocupações com o futuro profissional e pessoal, entre outras. O método biográfico foi amplamente utilizado por pesquisadores/as da Escola de Chicago já nas décadas de 1920 e 1930, mas a partir dos anos 1980, tornou-se uma tendência nos estudos sobre professores/as, principalmente por permitir analisar a subjetividade desses/as agentes, praticamente ignorada nos períodos anteriores, quando eram considerados/as somente como peças do processo de ensino-aprendizagem dos/das educandos/as, em um viés tecnicista e de formação moral, profissional e acadêmica (BUENO, 2002).

Marieta Ferreira e Janaína Amado (1996) analisam a obra de Bourdieu e indicam que a narração autobiográfica tende muitas vezes a criar uma falsa coerência e linearidade na vida de uma pessoa, ignorando interações sociais e contextuais que condicionam a trajetória dos/as indivíduos/as. Essa ilusão biográfica pode levar a uma simplificação excessiva da realidade social e à uma superestimação do papel da agência individual. Nesse sentido, é necessário indicar que o método biográfico possui limitações e potencialidades.

A principal limitação é a subjetividade das narrativas pessoais, que podem conter distorções, omissões ou vieses dos/das agentes. Por outro lado, a autobiografia oferece uma perspectiva detalhada das experiências dos/das agentes, revelando significados profundos e contextuais, permitindo explorar como indivíduos/as interpretam e dão sentido às suas próprias vidas e fornecendo dados valiosos sobre os processos de socialização e formação da identidade. Apesar das críticas, as potencialidades do método biográfico o tornam importante para a pesquisa em Educação.

No livro de Diana Mandelert e Sara Tabac, foram compartilhadas histórias repletas de dificuldades, medos, angústias, alegrias e superações, além de contradições, como todas as experiências humanas. A análise autobiográfica nos ajuda a enxergar indivíduos/as reais interagindo e percorrendo suas trajetórias nas teias de uma sociedade fortemente desigual como a brasileira. Em que medida noções como ‘mérito’ e ‘meritocracia’ são válidas para explicar o sucesso escolar improvável de indivíduos/as vulneráveis socioeconomicamente?

Cursos de licenciatura atraem muitos/as jovens com menor renda e capital cultural familiar, justamente por serem menos concorridos e não serem prioritários para os/as jovens das classes médias e altas. Entretanto, o sucesso de jovens carentes nesses cursos é importante porque indica algum grau de mobilidade social e ocupacional em relação a pais/mães e avós/avôs, ao acessarem uma profissão de nível superior. A maioria dos/das participantes da coletânea é estudante de ‘primeira geração’, ou seja, os/as primeiros/as de seu núcleo familiar a ingressar na educação superior.

Os relatos demonstram como as experiências sociais são situadas social e historicamente (DUBET, 2010) e se apropriam de conceitos básicos da sociologia de Bourdieu. As interações entre espaço social, campo, *habitus* e capitais são essenciais na Sociologia da Educação bourdieusiana. Os/As agentes incorporam o mundo social a partir da socialização em diferentes campos do espaço social, disputando recursos escassos com diferentes tipos de capital. O *habitus* é a internalização dessas estruturas sociais, refletindo as disposições e práticas incorporadas por indivíduos/as ao longo de suas vidas. Quando analisamos a distribuição de capitais (econômico, cultural, social e simbólico) e a influência desses sobre as práticas e percepções dos/das agentes, obtemos uma visão mais rica e detalhada das dinâmicas sociais e das desigualdades que emergem dessas interações.

Entre as experiências relatadas, podemos indicar situações distintas: famílias de classe média com situação financeira estável e capitais culturais incorporados, objetificados e institucionalizados bem definidos; famílias de classe média baixa/classe popular que, apesar das dificuldades conseguem viver de forma confortável; e famílias que enfrentam grande vulnerabilidade socioeconômica. O que torna a leitura interessante é a diversidade de atitudes frente a Educação e escolarização dos/das filhos/as, mesmo entre famílias com os mesmos *status* socioeconômicos, tal qual Bourdieu (2015) e Lahire (1997) sinalizaram, o que demonstra a atualidade e importância das contribuições teóricas dos autores para a compreensão das desigualdades educacionais.

A sociologia bourdieusiana indica que o investimento educacional seria de alto risco e só se justificaria caso o/a estudante demonstrasse bom desempenho escolar que legitimasse o esforço familiar (BOURDIEU, 2015). Jovens pobres são, desde muito cedo, cobrados/as a desenvolver ‘maturidade’ e assumir responsabilidades com o sustento familiar e mesmo a formar novas famílias precocemente, enquanto seus pares de classe média conseguem estender uma etapa da vida sem grandes preocupações com o próprio sustento e de suas residências, obtendo muitas vezes os primeiros empregos após a conclusão da graduação ou em atividades de estágio e/ou pesquisa (MARGULIS & URRESTI, 1996). Ou ainda, há a experiência de trabalho “diletante” por “vontade própria” para “não depender” de pais/das mães e ter maior autonomia, como também aparece na fala de alguns/umas poucos/as estudantes participantes.

Conseguir manter um/a jovem apenas estudando ou mesmo contribuir com parte dos custos da formação é difícil para as famílias com menor renda, além de ser culturalmente estigmatizante para os/as jovens mais pobres. Relatos nesse sentido foram abundantes, e podemos observar casos emblemáticos: de um lado temos Caroline, de família de classe popular, expulsa de casa após trocar de curso algumas vezes, o que “desgastou” a boa vontade familiar (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 61); e de outro, temos Thais, que se identifica como “mulher branca de classe média, cujos pais foram os primeiros de suas famílias a concluir o ensino superior” (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 159), que mudou de curso várias vezes até conseguir “se encontrar”, obtendo apoio familiar, pois seu pai e sua mãe compreendem as dinâmicas de construção do *habitus* intelectual e possuem melhores condições para apoiar materialmente a filha.

Um conceito importante presente em todos os relatos é o de capital social, definido como as relações e laços que indivíduos/as conseguem construir ao longo de suas trajetórias. Bourdieu indica que o principal benefício que o capital social proporciona é ligado ao acesso a informações importantes sobre o funcionamento do sistema de ensino e às dinâmicas internas do mercado de trabalho (BOURDIEU, 2015). Estudantes de “primeira geração” enfrentam o desafio de não possuírem modelos de sucesso na educação superior, enfrentando maiores dificuldades para conseguir acessar esse espaço. Parte dos/das estudantes indica ter pais com pouca escolaridade ou analfabetos. Apesar de reconhecerem a importância da Educação, não possuem capitais econômicos, sociais ou culturais para fornecer o apoio necessário a filhos e filhas para a obtenção do sucesso acadêmico. Há ainda aqueles/as que, além do reduzido capital cultural, não compreendem a importância da Educação como fator de mobilidade social e não os/as incentivam nesse caminho, como o caso de Lucas, cujos pai e mãe “nem sabiam como chegar aos museus e teatros” (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 124) e sequer ofereceram os “parabéns” após a aprovação no vestibular (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 125). Entretanto, a trajetória e os sucessos do jovem na UERJ mudaram um pouco a percepção deles: “acabaram notando de algum jeito que eu estava no caminho certo” (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 126).

Os/As estudantes dependem de informações que, muitas vezes, chegam de forma casual, a partir de laços que poderiam não ter se estabelecido: a simpatia por parte de padrões/patroas dos/das pais/mães, um/uma professor/a que percebe o “potencial” nos/nas jovens, ou pais/mães que eventualmente têm acesso a informações sobre oportunidades de formação, entre outras possibilidades. Em síntese, a trajetória de estudantes de classes populares em direção à universidade não é “natural” como a dos seus pares de classe média e alta. Os percalços enfrentados ao longo do caminho são maiores e desafiadores. Em seu relato, Mariana aponta a importância da disponibilidade objetiva e subjetiva dos/das responsáveis para a transmissão do capital cultural (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 142).

Norbert Elias (1995), em sua obra *Mozart: a sociologia de um gênio*, aponta que a genialidade do menino¹ austríaco não seria suficiente por si só para torná-lo o músico mundialmente famoso que conhecemos. Os esforços de seu pai para contratar os melhores professores e promover turnês pela Europa fizeram a diferença entre ele se tornar o gênio admirado pelas elites e ser um músico desconhecido que se apresentava em tavernas para sobreviver e cuja memória se perderia na História.

Embora a praxeologia bourdieusiana ofereça elementos importantes para a compreensão da reprodução de desigualdades sociais, é preciso complementar a análise com a discussão sobre as agências e intervenções específicas que moldam os trajetos individuais, como realizado por Bernard Lahire (1997). A crítica, a partir do trabalho de Lahire (1997), destaca a importância de considerar que intervenções específicas e decisões estratégicas, como as ações do pai de Mozart, podem moldar e até transformar trajetórias individuais. Nesse sentido, a teoria bourdieusiana tenderia a generalizar a reprodução social, nem sempre capturando as nuances e variações contextuais observadas em diferentes cenários e momentos históricos. Muitas vezes, a praxeologia bourdieusiana é classificada como reducionista ao focar excessivamente as estruturas sociais, negligenciando as agências individuais e estratégias específicas das famílias. Segundo Gabriel Peters (2013), se Bourdieu não é um “reprodutivista”, sua sociologia pode ser vista como “neobjetivista” porque enfatiza e valoriza o peso das estruturas sociais através do *habitus*. Apesar da tentativa de construir uma síntese dos clássicos (Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber) e superar a dicotomia entre subjetivismo e objetivismo, sua ênfase no caráter de “estrutura estruturada” e “estrutura estruturante” do *habitus*, leva a uma teorização que negligencia a significância da agência e da consciência reflexiva do/da ator/atriz social.

Outros relacionamentos fora do ambiente familiar foram importantes na trajetória dos/das estudantes rumo à UERJ. A religião, por exemplo, exerceu papel central para muitos/as participantes da pesquisa como instrumento de construção de valores como disciplina, obediência a regras e a autoridades (vistos pelos/as agentes como positivos para a trajetória universitária). Os/As estudantes apontaram as igrejas como espaços onde aprenderam competências importantes como leitura, socialização e construção de capital social, pois conviviam com pessoas com formação superior e até mesmo com “cargos altos

dentro de seus empregos” (MANDELERT & TABAC, 2023, p. 68). Esses relatos indicam a centralidade que a fé e a adesão institucional à religião exercem na vida desses/as agentes.

O trabalho é uma contribuição valiosa para aqueles/as que se dedicam à pesquisa sobre desigualdades de oportunidades educacionais. O acesso e permanência na educação superior são temas importantes no campo da Sociologia da Educação. O livro indica que a passagem pela universidade é complexa e não se resume à presença nas aulas e avaliações. Os relatos apontam para várias dimensões da trajetória acadêmica: sonhos, desejos, frustrações, tristezas, traumas, mas também alegrias e conquistas, um “futuro brilhante” que está “ali”, esperando (ou não!). É uma obra importante que permite a professores/as, pesquisadores/as e profissionais do apoio estudantil conhecerem mais sobre os seres humanos que povoam nossos *campi*.

Recebido em: 27/01/2024; Aprovado em: 28/10/2024.

 **EDUARDO HENRIQUE NARCISO BORGES**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

Notas

- 1 Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) foi um famoso compositor austríaco que mostrou habilidade musical desde a infância, sendo reconhecido até aos dias atuais.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Orgs). 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p.79-89.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n.1, p.11-30, jan./jun, 2002. <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100002>>. Acesso em: 02 nov. 2024.

DUBET, François. *Sociologia de la experiencia*. Madri: Editorial Complutense, 2010.

ELIAS, Norbert. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERREIRA, Marieta M. & AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LAHIRE, Bernard. Sucesso *Escolar nos Meios Populares*: as razões do improvável. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MARGULIS, Mario & URRESTI, Marcelo. La Juventud es más que una Palabra. In: ARIOVICH, Laura & MARGULIS, Mario (Orgs). *La Juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996, p.13-31.

PETERS, Gabriel. Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.28, n.3, p. 47-71, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000300004>>. Acesso em: 02 nov. 2024.

TUMIN, Melvin M. *Estratificação social*. São Paulo: Pioneira, 1970.

WRIGHT-MILLS, Charles. *The Sociological Imagination*. Penguin Books, 1970.